

O design do espaço construído hospitalar e o design social

Claudia Francia do Amaral

Resumen: En este artículo se presenta una reflexión sobre la importancia del medio ambiente construido como un objeto de la innovación social, con el telón de fondo de la sociedad post-moderna. Sosteniendo la idea de diseño social se dirigirá a la enseñanza del diseño y el cual será revisado para lograr nuevos niveles de sostenibilidad. Para dilucidar la interacción entre el diseño del entorno construido, su materialidad y la trabajadora social, el hospital se utilizará como ejemplo. El concepto de diseño de los ciudadanos se presentó como la posibilidad de un camino hacia el futuro.

Palabras clave: Entorno construido, el diseño social, la innovación, la sostenibilidad, la enseñanza.

Abstract: This article presents a reflection of the importance of the built environment as an object of social innovation, with the backdrop of the post-modern society. Holding the idea of social design will address the teaching of design and which may be revised to achieve new levels of sustainability. To elucidate the interaction between the design of the built environment, its materiality and social agent, the hospital will be used as example. The concept of citizen design will be introduced as the possibility of a path to the future

Keywords: built space, social design, innovation, sustainability, teaching.

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão da importância dos espaços construídos como objeto de inovação social, tendo como pano de fundo a sociedade pós-moderna. Sustentando a ideia de design social será abordado o ensino do design e o que poderá ser revisto para atingir novos patamares da sustentabilidade. Para melhor elucidação da interação entre o design do espaço construído, sua materialidade e o agente social, o ambiente hospitalar será usado como exemplo. O conceito de design cidadão será introduzido como possibilidade de um caminho para o futuro.

Palavras Chave: espaço construído, design social, inovação, sustentabilidade, ensino.

Introdução

"-A Lei do forte
Essa é a nossa lei
E a alegria do mundo"
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
(Viva! Viva! Viva!)...
Raul Seixasⁱ

O que será analisado aqui é o design social e como ele está sendo ensinado nas universidades. Para melhor entendimento de design social usaremos o ambiente hospitalar. A visão exposta é na sua maioria das vezes de ambientes de hospitais particulares. Para inseri-lo no contexto atual vamos *a priori* entender como se apresenta o espaço contemporâneo e as relações existentes entre agente social e o que se apresenta como inovação social.

*“Advertising design, in persuading people to buy things they don’t need, with money they don’t have, in order to impress others who don’t care, is probably the phoniest field in existence today.”*ⁱⁱ Papanek (2011) nesta citação introduz o seu conceito de como o design está posicionado na sociedade contemporânea. Na visão do Papanek o designer está cada vez mais projetando objetos com utilidade duvidosa. A demanda da indústria é a produção de objetos com apelo comercial, com a produção mais voltada para a diferenciação, ou seja, produzir mais do mesmo. Com este panorama a profissão de designer está em foco. Porém, a discussão é como o designer está respondendo a esta realidade profissional? Existem novos parâmetros a serem seguidos? Algumas correntes dentro do campo do design alertam da necessidade de novos caminhos. Estas novas soluções seguiriam os preceitos da sustentabilidade, sendo um dos pontos o design social.

Victor Papanek realmente está preocupado é com a dimensão social que o design pode ter. Para ele esta demanda sobre o design gera um poder que deveria vir com responsabilidade social e moral. Para que ocorra a transformação crítica do papel do design na contemporaneidade será necessária à discussão do tema nas salas de aula. O desafio será a dualidade entre a prática da profissão e a academia. Atualmente o design visa suprir as demandas da indústria. Porém, este tipo de design está cada vez mais fora da visão que prioriza o ser humano.

Para o autor, design deve atuar com inovação, interdisciplinaridade, criatividade e responsabilidade para as reais necessidades do ser humano. A profissão de designer pode ser transformada em algo que contribua para sociedade e não transformando os objetos projetados em objetos de “mais valia”. John Thackaraⁱⁱⁱ afirma que o design deve ser transformado de “design para pessoas ao design com pessoas”, ou seja, o ser humano deve ser priorizado e não o produto como algo que terá valor comercial. A venda pode ser pensada apenas como mais um item que o produto deve alcançar e não o único objetivo.

O design social será entendido como algo que faz parte do problema e como ele pode transformar-se em um caminho viável para um mundo melhor. Porém, é visto neste artigo a necessidade de uma revisão no meio acadêmico sobre o que é design social e como ele está sendo abordado pelos docentes. Logo, a relação *práxis* e teoria serão vista como uma das possibilidades de mudança do “status quo”.

Design social e ensino.

O que significa design social, ele realmente existe? O termo design atualmente é usado para definir várias práticas, porém o termo design social pode ser usado de algumas maneiras dependendo do contexto filosófico, acadêmico ou comercial. Fuller (2008: p.7) em seu livro *Grunch of Giants* cita: “*You have to decide at the outset whether you are trying to make money or to make sense, as they are mutually exclusive*”. Para ele o design social e design comercial são opostos, ou no mínimo coisas diferentes. Difere do pensamento de Victor Papanek e de alguns outros autores que pensam que o design social deve fazer parte da prática do design, ou seja, o design não é entendido como uma coisa a parte e sim parte do processo.

Porém a realidade difere um pouco da teoria, o que temos na maioria dos países é o capitalismo como sistema. Ele pode ser perverso para o dito design social, pois o que temos nos dias de hoje é o designer como produtor de objetos com sua obsolescência planejada, efêmeros, caros e divertidos. Enfim, design com objetivos comerciais e na teoria o design social está voltado para as “reais” necessidades do ser humano. O desafio neste panorama é planejar objetos com o apelo social e comercial juntos.

O design social visto como “modelo social” por Victor Margolin (2002) não está em oposição com o “modelo de mercado”, porém o modelo de mercado tem vários estudos e pesquisas que o ajudam a se desenvolver e se transformar para melhor adaptação as demandas da indústria. O que não vem acontecendo com as práticas sociais, poucos estudos ou soluções aparece, mas não conseguem fazer diferença no panorama atual. Uma das soluções apontadas por Margolim é a inclusão das questões das necessidades sociais em sala de aula. Assim preparando novos designers a pensar o projeto visando também o modelo social. Com a inclusão do tema social no meio acadêmico, pode-se criar uma visão mais crítica às práticas projetuais e elaborar novas saídas para a inclusão do modelo social no mercado. Inclusive procurando soluções para as demandas sociais que não podem ser absorvidas pelo sistema comercial, pois existe uma camada da população que não pode ser considerada consumidores em potencial. São as pessoas com renda familiar baixa ou com deficiências, podendo ser elas de saúde, física ou idade.

Para facilitar o processo de transformação do ensino as disciplinas apresentadas devem ser interdisciplinares, pois assim os alunos podem ter uma visão não só estética do produto, mas uma visão a partir do usuário. O que leva na prática do trabalho a inclusão de outros profissionais como consultores ou parceiros tendo como objetivo um produto final voltado para as necessidades de quem vai usar o produto.

Alain Findeli (2001) em seu artigo *Rethinking Design Education for the 21st Century: Theoretical, Methodological and Ethical Discussion*. Afirma que os paradigmas atuais são baseados no materialismo; seus métodos positivistas de inquérito; seu agnosticismo e a visão de mundo dualista. Isto posto, entende-se que o design e os centros acadêmicos estão inseridos neste quadro. Walter Gropius havia planejado para a escola da Bauhaus que no seu manifesto de fundação em 1919 ele tinha a seguinte redação: “Instrução na Bauhaus inclui tudo prático e científico áreas de trabalho criativo [...] Os alunos são treinados em um artesanato, bem como no desenho e pintura, da ciência e a teoria”^{iv}. Para Findeli a visão dualista começa em duas escolas a Bauhaus e a Escola de Ulm, onde surgiu o conceito de “arte aplicada” e “ciência aplicada” ligada ao conceito tradicional das artes decorativas, no qual o termo aplicada se refere ao caráter utilitário dos objetos.

Em 1958, Tomás Maldonado declarou que “essas idéias tinham agora que serem refutadas com a maior veemência, bem como com maior objetividade”. “Uma nova filosofia educacional”, proclamou, “já está em preparação; sua fundação é o operacionalismo científico. “Como consequência, a dimensão artística do currículo original tornou-se cada vez menos importante, ao passo que o seu conteúdo científico foi aumentado e enfatizou, especialmente com as contribuições do humano e ciências sociais.^v

Existem desafios, pois estamos numa época da sociedade do espetáculo^{vi}, do efêmero, da fluidez^{vii}. A realidade é quanto mais consumo melhor. Logo temos que pensar numa saída para subverter o sistema vigente ou incluir o social dentro dos modos de produção sem que este tenha sua teoria inicial modificada. Para que novos caminhos sejam descobertos, voltamos ao que já foi dito aqui, é necessário desenvolver o pensamento crítico dentro das universidades.

A materialidade do espaço como inovação

A arquitetura, tanto do interior como do exterior, sofrem influências que podem ser do urbanismo da cidade, da localização, por motivos econômicos, sociais e técnicos. Do mesmo modo esta própria arquitetura interferirá na forma como as pessoas vão interagir entre si e com qual intensidade. Adrian Forty^{viii} questiona a dificuldade de se relacionar as formas construídas com os seus agentes, pois é complicado o entendimento de quem influencia quem. David Harvey em seu livro Espaços de Esperança^{ix} discute a importância dos espaços construídos na formação do agente social que irá interagir nele. Para o autor, vários arquitetos e urbanistas modernos tentaram de maneira utópica refazer cidades, sendo que o resultado foi uma padronização massificante e controladora. Esta visão de vigilância e controle, como algo necessário para a segurança do indivíduo, é vista por Sennet^x como uma forma de opressão e degradação, pois ela só funciona porque está operando de maneira forjada.

Logo, podemos entender que o espaço arquitetônico do hospital influenciará os seus agentes bem como as atividades destes agentes interferirá no modo como este espaço será ocupado. Entende-se aqui que o agente social de um hospital são todos os personagens que nele estão envolvidos e não somente o paciente. Para situar esta ideia pode-se verificar que estamos no período pós-modernidade ou modernidade tardia como prefere David Harvey. Neste contexto a sociedade possui relações mais efêmeras e voltadas para o hedonismo.

Como exemplo usaremos o espaço do hospital e para tal, abordaremos os hospitais particulares, pois nestes espaços as ideias aqui apresentadas se tornam mais claras. Como não poderia deixar de ser, pois os espaços físicos são o reflexo do tempo e da sociedade, os hospitais nos dias de hoje estão cada vez mais se apropriando da imagem de hotéis, incluindo serviços e aparência destes. Apesar desta tendência de hospital/hotel tentar se mostrar como um serviço voltado para o paciente, ele possui muito de marketing, uma tentativa de vender a imagem de preocupação com o ser humano.

A inovação social e a sustentabilidade ainda são visto como algo novo e que acontece em paralelo na hora da concepção do projeto, porém elas devem desde o início fazer parte do processo de criação. Como visto anteriormente, para obter um resultado final voltado para o ser humano, seja ele produto ou um espaço construído é necessário que o profissional interaja com o usuário e obtenha informações das áreas envolvidas no

processo. A interdisciplinaridade neste caso é fundamental para um bom projeto. No caso do hospital a complexidade projetual é enorme, onde se devem estudar os fluxos e necessidades dos pacientes, seus acompanhantes, dos médicos e toda a equipe que faz o hospital funcionar visando sempre o lado humano. Vale lembrar que a noção de “bem-estar” na contemporaneidade está ligada ao consumo de produtos e serviços, não é sobre isto que estamos falando. O bem-estar almejado é aquele onde o paciente se sinta confortável em seu avelar, os parentes tenham conforto na hora de esperar por notícias durante uma operação.

Os espaços sejam eles construídos materialmente ou simbólicos devem ter na sua configuração a possibilidade de interação social. Jaques Rancière elaborou uma estética do desacordo, ele relaciona a concepção do dissenso social e da política através do radicalismo crítico abrindo assim, uma possibilidade de pensar diferente do modernismo e da pós-modernidade. Seu pensamento é voltado para as artes, porém pode ser estendido para o campo do design.

“[...] não é em princípio o exercício do poder e a luta pelo poder. É, antes de tudo, a configuração de um espaço específico, a circunscrição de uma esfera particular de experiência, de objetos propostos como comuns e que respondem a uma decisão comum, de sujeitos capazes de designar esses objetos e de argumentar sobre eles.”^{xi}

Sendo dissenso não só o conflito de interesses e sim uma diferença no sensível, um desacordo sobre os objetos, a situação e os agentes sociais incluídos e como se deu esta inclusão.

Os espaços sofrem influência dos seus agentes sociais após a sua concepção, inclusive com a possibilidade destes agentes reinventarem seu uso. A interação entre espaço e agente é bilateral. A configuração de qualquer espaço é política e ideológica, pois o espaço pode ser concebido para que não haja encontros, logo não exista convivência entre as pessoas, é um tipo de controle. Como exemplo podemos citar praças com caminhos paralelos que não convergem nunca a um local comum, facilitando o desencontro. No caso dos ambientes hospitalares os locais de convivência seriam espaços para troca de humanidades.

Considerações finais

A sustentabilidade é um conceito a ser perseguido, é sabido que estamos por enquanto apenas tentando alcançá-la. O que é válido, para que se possa um dia chegar a novos paradigmas. Para Victor Margolin apesar do mundo ser dominado pelas corporações nacionais ou internacionais será através da organização da sociedade civil que poderá surgir uma mudança no sistema vigente. Ele introduz o conceito do design cidadão^{xii}.

“Eu vejo o designer como tendo três possibilidades de introduzir seu próprio talento para a cultura. A primeira é por meio do design, que é fazendo coisas. A segunda é por meio de uma articulação crítica acerca das condições culturais que elucidam o efeito do design na sociedade. E a terceira possibilidade é por meio da condução de um engajamento político.”^{xiii}

Vários termos estão sendo criados, como design social ou design cidadão, porém todos estão unidos pela mesma linha de pensamento. O imprescindível é a revisão dos modos de vida pela sociedade para que ela se encaixe nos conceitos de sustentabilidade. Surgindo então a necessidade de novas ideias, logo a importância de inserir nas faculdades o pensamento crítico nos seus alunos. Utopia ou não, o que se deseja é a reinvenção dos espaços e objetos para que alcancemos o paradigma da sustentabilidade.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. (2001). *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- FINDELI, Alain. (2001). Rethinking Design Education for the 21st Century: Theoretical, Methodological and Ethical Discussion, In *Design issues*, volume 17, number 1, winter.
- FULLER R. Buckminster. (2008). *Grunch of Giants*, Design Science.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. (2012). *A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Iminência*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- HARVEY, David. (2004). *Espaços de Esperança*, São Paulo, 4ª ed. Edições Loyola.
- MARGOLIN, Victor. MARGOLIN, Sylvia. (2002). A “Social Model” of Design: Issues of Practice and Research. Copyright 2002 Massachusetts Institute of Technology Design Issues: Volume 18, number 4, autumn.
- MARGOLIN, Victor. (2006) O designer cidadão. In: *Revista Design em Foco*, v. III n. 2, jul/dez 2006. Salvador. EDUNEB, p.145-150.
- MORAES, Vinicius Netto. (2006). O efeito da arquitetura: impactos sociais, econômicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão. Dez. Disponível em: <http://vitovirus.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/290> acesso: 14 ago. 2012.
- PAPANEK, Victor. (2011). *Design for the real world - Human Ecology and Social Change*. 2ª ed. United Kingdom, by Thames &Hudson Ltd, p. ix
- THACKARA, John. (2008). *Plano B: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo*. Tradução: Cristina Yamagami. São Paulo. Saraiva: Versar.

ⁱ Raul Seixas, cantor brasileiro. Ver letra de música completa em <http://letras.mus.br/raul-seixas/48333/> Acesso: junho 2014.

ⁱⁱ PAPANEK, Victor. **Design for the real world - Human Ecology and Social Change**. 2ª ed. United Kingdom, by Thames &Hudson Ltd, 2011.p. ix

ⁱⁱⁱ THACKARA, John. **Plano B: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo**. São Paulo. Saraiva: Versar, 2008.

^{iv} IN: FINDELI, Alain. **Rethinking Design Education for the 21st Century: Theoretical, Methodological and Ethical Discussion**, In *Design issues*, volume 17, number 1, winter, 2001, p. 6 (livre tradução).

^v IN: FINDELI. 2001, p. 7 (livre tradução).

^{vi} DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. <http://WWW.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>, 2003.

^{vii} BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2001.

^{viii} IN: MORAES, Vinicius Netto. **O efeito da arquitetura: impactos sociais, econômicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão**.

^{ix} HARVEY, David. **Espaços de Esperança**, São Paulo, 4ª ed. Edições Loyola, 2004.

^x IN: HARVEY, David.

^{xi} IN: GARCÍA CANCLINI, Nestor. **A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Iminência**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p.135.

^{xii} Conceito editado por Stephen Heller e Veronique Vienne. MARGOLIN, Victor. **O designer cidadão**. In: *Revista Design em Foco*, v. III n. 2, jul/dez 2006. Salvador. EDUNEB, 2006, p.145-150.

^{xiii} MARGOLIN, Victor. 2006, p150.

